



Revista AMazônica, LAPESAM/GMPEPPE/UFAM/CNPq
ISSN 1983-3415 (versão impressa) - eISSN 2558 – 1441 (Versão digital)

Vol XXV, número 2, jul-dez, 2020, pág.814-845.

RESILIÊNCIA: NOTAS EPISTEMOLÓGICAS, TEÓRICAS E CRÍTICAS

RESILIENCE: EPISTEMOLOGICAL, THEORETICAL AND CRITICAL NOTES

Beatriz Débora Pinheiro S. Nascimento
Cláudia Regina Brandão Sampaio
Bruno Rudar Teixeira Vasconcelos

RESUMO: O presente artigo propõe uma reflexão sobre a resiliência, partindo da dificuldade de sua conceitualização, dos posicionamentos diversos e polêmicos evidenciados tanto pela sua apropriação ampla e popularização de seu uso, quanto pelas críticas que levam à recusa e negação do mesmo. Buscando identificar as bases epistemológicas que orientam as áreas do conhecimento que cunharam ou adaptaram o conceito, avançamos para uma discussão acerca dos impasses que se apresentam quando da adoção do conceito ou de sua negação. As lentes utilizadas para fornecer caminhos compreensivos ao estudo da resiliência privilegiam o pensamento crítico, formulando interrogações próprias às ciências sociais e ao campo da psicologia social ancoradas em pressupostos de uma epistemologia não-dominante. Sob esta ótica, apresentamos a resiliência como fenômeno sistêmico e complexo, com possibilidades de contribuir com significativos avanços em uma diversidade de estudos que podem fazer uso do conceito, mas tendem a recusá-lo, devido aos vieses em torno do mesmo.

Palavras-chave: Resiliência; Complexidade, Psicologia Social Crítica, Psicologia Histórico-cultural.

ABSTRACT: This article proposes a reflection on resilience, starting with the difficulty of its conceptualization, from diverse and controversial positions. This is evidenced by the wide appropriation and popularization of the use of the concept and by the criticisms that lead to its rejection and denial. Seeking to identify the epistemological bases that guide the areas of knowledge that originated or adapted the concept, we move on to a discussion about the impasses presented when the concept is adopted or denied. The approach used to provide comprehensive paths to the study of resilience favor critical thinking, formulating questions specific to the social sciences and the field of social psychology, and is anchored in the assumptions of a non-dominant epistemology. From this perspective, we present resilience as a systemic and complex phenomenon, with the possibility of contributing to significant advances in a variety of studies that might use the concept but tend to refuse it, due to the biases surrounding it.

Key words: Resilience, Complexity, Critical Social Psychology, Historical-critical Psychology.



INTRODUÇÃO

A potência de conservação é também poder de ser afetado, o que significa que ela, apesar de ser irreprímível, varia de intensidade, a depender das intersubjetividades que me constituem, isto é, das afecções (affections) que meu corpo e minha mente sofrem nos bons ou maus encontros do passado, do presente e do futuro. (SAWAIA, 2009, p. 366)

A resiliência é um constructo com muitas definições, de origens e ênfases diferentes. Um consenso em meio às divergências em torno do mesmo, é que a resiliência está ligada ao movimento ativo na busca por romper a cadeia de repetições imobilizadoras instaurada por adversidades e danos sofridos. A utilização do termo se deu no campo da Física e Engenharia, aproximadamente a partir de 1807. Nestes campos, refere-se à tensão, compressão e à capacidade que os materiais possuem de absorver impactos sem sofrer deformações permanentes. Considerando diversidade na composição e natureza dos materiais, estes dois campos do conhecimento já apresentavam a existência de diferentes módulos ou níveis de resiliência.

Na Psicologia, a aparição do termo é mais recente. Sua adaptação e o uso tem como um dos marcos o estudo longitudinal realizado por Emmy Werner com moradores da ilha Kauai no Hawai, entre os anos de 1955 e 1995. A população estudada vivia sob circunstâncias adversas, o que levou à pesquisadora perguntar-se como não apresentavam os prejuízos comumente decorrentes de desenvolver-se sob tais condições. O estudo mostrou que o desenvolvimento dos sujeitos surpreendeu por seu curso positivo, passando o termo *resiliência* a ser confundido com ‘invulnerabilidade’, o levando a alguns dos problemas conceituais que envolvem o constructo.



Revista AMazônica, LAPESAM/GMPEPPE/UFAM/CNPq

ISSN 1983-3415 (versão impressa) - eISSN 2558 – 1441 (Versão digital)

A apropriação do termo no campo das ciências humanas/sociais tem sido problemática, o que não impediu a disseminação e ampla utilização do termo desde a esfera acadêmica à política, passando pela sua popularização no senso comum. Certamente que as razões que envolvem a complexidade do uso do termo fora do escopo das ciências exatas e mesmo no campo biomédico, como no caso da odontologia, não decorrem somente do fato dos estudos em Psicologia e Educação, por exemplo, serem relativamente recentes em comparação com o campo de origem. Apesar das analogias traçadas na apropriação do termo no campo das *hard sciences* (ex. Física) e as *soft sciences* (Ex. Psicologia), deparamo-nos com o fato de que sua definição não é tão objetiva e precisa como nas primeiras, consideradas a complexidade e a multiplicidade de fatores e variáveis que devem ser levados em conta no estudo dos fenômenos humanos (YUNES; SZYMANSKI, 2001).

Herdando aspectos de diferentes enfoques teórico-metodológicos, encontramos abordagens da resiliência que buscam aproxima-la mais das ciências exatas, outras que assumem extrema semelhança com as modelagens epidemiológicas centradas na estatística, com base nos cálculos de fatores de risco e proteção até outras que defendem concepções bem distanciadas deste modelo, afirmando que a resiliência se utiliza do circuito relacional no qual o sujeito consegue instaurar um campo de forças favorável e potente para libertar-se do sofrimento e do isolamento (CYRULNIK; CABRAL, 2015a). A definição apontada por Yunes (2010) define resiliência enquanto um fenômeno dinâmico constituído por um conjunto de processos de vida que possibilitam à indivíduos, grupos e comunidades enfrentarem contextos adversos com fortalecimento, resultando não apenas na superação das adversidades, mas também em transformação.

No entanto, as discussões não repousam somente nas críticas a respeito da ênfase em aspectos individuais ou coletivo e metodologias utilizadas nas pesquisas, mas encontram espaço no palco das disputas também no tocante às terminologias e questões ético-políticas que o conceito abarca, argumento



Revista AMazônica, LAPESAM/GMPEPPE/UFAM/CNPq

ISSN 1983-3415 (versão impressa) - eISSN 2558 – 1441 (Versão digital)

bastante recorrente para fundamentar a recusa ao termo. Para além destes pontos, encontram-se no bojo dos debates os enfoques relacionados aos pressupostos epistemológicos ligados as pesquisas em resiliência.

Neste artigo, discorreremos sobre as bases epistemológicas da resiliência e, em seguida, apresentaremos conceitos e discussões críticas em torno do construto, os quais destacamos como mais relevantes para fins da pesquisa ou intervenção de cunho psicossocial crítico.

Bases epistemológicas da Resiliência

A ciência possui fundamentos próprios para investigação dos seus objetos. O uso de métodos sistematizados é o principal aspecto que distingue a ciência de outras formas de conhecimento. A ciência em sua forma mais conhecida ou modelo dominante, o qual nos referimos hoje, é apresentado por Vasconcellos (2002) ancorada no chamado Paradigma Tradicional. Deriva da perspectiva clássica, que cunhou procedimentos e instrumentos metodológicos baseados na visão mecanicista e positivista. Contudo, no contexto da pós-modernidade, a amplitude alcançada por concepções divergentes deste paradigma tem fortalecido outro paradigma, robusto e epistemologicamente sustentado. O Paradigma da Complexidade é apresentado como outra forma de conceber os fenômenos e a construção de saber sobre os mesmos, e a ele se alinham propostas que, de difícil ou impossível sustentação no paradigma tradicional, voltam-se a compreensões contextualizadas, não mecânicas e não universais dos fenômenos, aproximando-se de perspectivas holísticas e sistêmicas.

Historicamente, o reconhecimento da Psicologia enquanto ciência atrelada ao paradigma dominante deveu-se à adoção de referências metodológicas e epistemológicas análogas ao campo das ciências naturais. Para isso, passou a utilizar-se dos pressupostos clássicos baseados no modelo mecanicista, compreendidos em uma série de propriedades e consequências muito bem definidas, tais como um relógio, um dispositivo mecânico, ou uma



Revista AMazônica, LAPESAM/GMPEPPE/UFAM/CNPq

ISSN 1983-3415 (versão impressa) - eISSN 2558 – 1441 (Versão digital)

“gerigonça”. Nesta metáfora maquinaica, por mais complicado que seja um fenômeno e, mesmo possuindo diferentes partes, deve ser compreendido como um fenômeno de componentes elementares que, reduzidos via método analítico, mostrarão sua natureza fundamentalmente simples e objetiva (OLIVEIRA, 2003). O conhecimento acaba se restringindo a uma postura reducionista, sempre buscando reduzir as propriedades de um todo às propriedades de suas partes simples. Afirma Figueiredo (2009) que “a psicologia se destina a fornecer um conhecimento útil para a previsão e controle dos eventos psíquicos” (p.24), compartimentando e reduzindo os fenômenos que investiga e, lamentavelmente, distanciando-se justamente daquilo que seria seu foco de interesse.

No entanto, de modo paralelo e sob influência da filosofia, sociologia crítica, educação, antropologia, história, algumas teorias psicológicas opuseram-se às bases positivistas, defendendo os processos psicológicos como imbricados ao contexto histórico e social. As últimas décadas do século XX acompanharam uma forte retomada às ideias de teóricos como Vigotski e filósofos como Espinosa (SAWAIA, 2009) marcando definitivamente uma não identificação com a Psicologia da chamada ciência tradicional. Este modo de pensar exige deslocamentos no campo epistemológico, ontológico e metodológico. Portanto, os fenômenos são pensados numa ontologia não linear e mecânica, devem ser estudados através de métodos de pesquisa que permitam visualizar os fenômenos em sua complexidade e as teorias derivadas destes estudos encontram outros critérios de validação. No que se refere aos métodos de pesquisa, estes necessariamente devem considerar as vinculações do fenômeno com o contexto em que os sujeitos se inserem, bem como com seus relacionamentos e percepções da realidade, ressaltando a subjetividade, instância anteriormente excluída pela visão tradicional (SILVA, 2010). A resiliência, assumida por esta perspectiva, constitui um fenômeno radicalmente distinto do construto apresentado pela resiliência ancorada nos modelos análogos ao paradigma tradicional. Interrogações próprias às ciências sociais e



Revista AMazônica, LAPESAM/GMPEPPE/UFAM/CNPq

ISSN 1983-3415 (versão impressa) - eISSN 2558 – 1441 (Versão digital)

ao campo da psicologia que não operam sob os pressupostos da epistemologia dominante instauram, portanto, outra concepção de resiliência.

Os pressupostos epistemológicos tradicionais primam pela simplicidade dos fenômenos, estabilidade e objetividade. Todavia, este modelo não tem se mostrado suficiente para responder a novas configurações de um mundo excessivamente complexo que a ciência tradicional não consegue explicar (VASCONCELLOS, 2002). Um paradigma complexo, em contraponto ao paradigma da simplicidade, passa a considerar a complexidade, a instabilidade e a intersubjetividade dos fenômenos. A lógica que opera neste sentido inclui a contextualização, as relações causais recursivas, a indeterminação - imprevisibilidade, irreversibilidade-incontrolabilidade e as multi-versões do fenômeno.

Diante da discussão destes pressupostos epistemológicos, convêm lembrar que mesmo nas ciências humanas, os estudos sobre resiliência tiveram origem na Física, a qual é vista por exemplificar a objetividade do modelo tradicional. A apropriação do termo para as ciências sociais e humanas não permite associação direta às propriedades elásticas que determinados materiais possuem de voltar à forma anterior após sofrerem algum processo de deformação ou à capacidade do objeto absorver impactos e se recuperar de danos sofridos. Contudo, a própria ruptura que a Física experimentou mediante ao cataclisma epistêmico produzido pelas proposições de Niels Bohr referente à mecânica quântica, sem dúvida serviram como fortalecimento aos avanços e diversidade de estudos que rompessem com a lógica determinista mecânica. A resiliência não é refém, portanto, de um único modo compreensivo, ancorado sob a perspectiva tradicional. Sobre o tema, é possível compreendê-lo como fenômeno sistêmico, complexo.

As diferentes gerações de pesquisadores na literatura sobre resiliência permitem compreender movimentos neste sentido. Luthar (1993) e Kaplan (1999) dizem que uma primeira onda (ou geração) surge a partir dos anos 1970, com o questionamento: *Entre as crianças que vivem em risco social, o que*



Revista AMAzônica, LAPESAM/GMPEPPE/UFAM/CNPq

ISSN 1983-3415 (versão impressa) - eISSN 2558 – 1441 (Versão digital)

distingue os que se adaptam positivamente dos que não se adaptam à sociedade? (apud INFANTE, 2005). No desenvolvimento dessas pesquisas com foco nas qualidades pessoais (como a autoestima e autonomia) que permitiram superar as adversidades, começa a surgir um interesse maior em estudar os fatores externos, como o nível socioeconômico, estrutura familiar e presença de um adulto próximo.

Os mesmos autores mencionam que a segunda geração de pesquisadores começou a publicar, nos anos 1990, com a pergunta: quais os processos associados a uma adaptação positiva, já que a pessoa viveu ou vive em condições de adversidade? O foco dessas pesquisas retoma o interesse da primeira geração e agrega à dinâmica, fatores considerados a base da adaptação resiliente e o contexto relacional, como estudos dos mecanismos protetores (RUTTER, 1991 apud INFANTE, 2005) e o projeto internacional de resiliência (GROTBERG, 1993 apud INFANTE, 2005).

Brandão, Mahfoud e Gianordoli-Nascimento (2011) identificam três correntes de estudos em resiliência: a norte-americana ou anglo-saxônica, a europeia e a latino-americana. A corrente norte-americana seria mais pragmática e, ao nosso ver, liberal, centrada no indivíduo, tomando como avaliação da resiliência dados observáveis e quantificáveis, comumente com enfoque behaviorista ou ecológico transacional, claramente alinhada aos pressupostos da ciência tradicional. Já a corrente europeia, conforme os mesmos autores, teria uma perspectiva ética, mais relativista, com enfoque comumente psicanalítico, tomando a visão do sujeito como relevante para a avaliação da resiliência, o que possibilita uma narrativa íntima e uma narrativa externa sobre a própria vida.

A corrente latino-americana, considerada por Boris Cyrulnik, teórico francês, como uma das grandes contribuições e reformulações trazidas aos estudos da resiliência nas últimas duas décadas (2004), traz o enfoque mais comunitário: destaca o social como instância onde são construídas as possibilidades de resposta aos problemas dos sujeitos em meio às adversidades.



Revista AMazônica, LAPESAM/GMPEPPE/UFAM/CNPq

ISSN 1983-3415 (versão impressa) - eISSN 2558 – 1441 (Versão digital)

Segundo Ojeda (2005), na América Latina os estudos desenvolveram uma perspectiva voltada para as realidades sociais, com enfoque coletivo ou comunitário da resiliência e aportes no campo nosológico e prático da temática, com pesquisas em que “as chaves explicativas da resiliência não estão nas características individuais, mas nas condições sociais, nas relações coletivas e em aspectos culturais e valorativos de cada sociedade” (p.48).

No Brasil, também por volta das duas últimas décadas, é demonstrado através de um levantamento das publicações sobre o tema elaborado por Souza & Cerveny (2006) citado por Angst (2009), que os primeiros trabalhos sobre resiliência no país surgiram entre 1996 e 1998. A temática mais focada na época eram crianças expostas a situações de risco, fatores de proteção e vulnerabilidade psicossocial e perfil do executivo. Havia na produção nacional tanto reflexo das influências norte-americanas quanto do eixo crítico-social dos demais países latino-americanos vizinhos.

Em relação às concepções adotadas sobre o tema, Brandão, Mahfoud e Gianordoli-Nascimento (2011) ressaltam que, de modo geral, ingleses e norte-americanos entendem a resiliência como resistência ao estresse, enquanto brasileiros e pesquisadores falantes de línguas latinas têm uma concepção que entende a resiliência ora como resistência ao estresse, ora como associada a processos de enfrentamento, recuperação de abalos emocionais causados pelo estresse e superação, através de recursos que proporcionam novos posicionamentos frente ao mundo, atitudes não-conformistas e potência de ação. Esta é a perspectiva que se articula com a linha do presente trabalho.

Partindo de uma leitura epistemológica, outro aspecto que aproxima o conceito de resiliência do paradigma da complexidade é o fato de que, em contraponto à visão da simplicidade, autores da psicologia passam a abordar a resiliência de modo crítico, a partir da complexidade do fenômeno, buscando investigar suas relações e inserções e não simplesmente destacá-lo no nível individual. Na perspectiva individualizante, a resiliência possui *status* de ‘entidade’, concebida como coisa em si e desconectada de um processo. Para



Revista AMazônica, LAPESAM/GMPEPPE/UFAM/CNPq

ISSN 1983-3415 (versão impressa) - eISSN 2558 – 1441 (Versão digital)

Oliveira (2003), ao apresentar a complexidade como revolução na visão tradicional da ciência, diz que no paradigma novo “se diluem antigas distinções que demarcavam as fronteiras entre natureza e cultura (ou criatura e artefato), entre sujeito e objeto (ou corpo e pensamento), entre interioridade e exterioridade (ou indivíduo e meio)” (p. 143), o que corresponde ao modo como autores críticos dos modelos iniciais da resiliência apresentam. Sobre o significado do termo “complexo”, Morin (2000) explica que:

A palavra *complexus* significa o que foi tecido junto; de fato, há complexidade quando elementos diferentes são inseparáveis constitutivos do todo (como o econômico, o político, o sociológico, o psicológico, o afetivo, o mitológico), e há um tecido interdependente, interativo e inter-retroativo entre o objeto de conhecimento e seu contexto, as partes e o todo, o todo e as partes, as partes entre si. Por isso, a complexidade é a união entre a unidade e a multiplicidade. Os desenvolvimentos próprios a nossa era planetária nos confrontam cada vez mais e de maneira cada vez mais inelutável com os desafios da complexidade (p.38).

Tomando a resiliência como um objeto de estudo complexo, lançamos mão de ferramentas que permitem apreender aspectos dificilmente alcançados em uma lógica linear e invariável. Por exemplo, as consequências do dano sofrido podem ser avaliadas, porém as diversas saídas e possibilidades de reconfiguração, não podem ser mensuradas ou capturadas em uma relação causal direta. A resiliência possui heterogeneidade estrutural, o que significa níveis diferentes de organização, que variarão inevitavelmente por conta das diversas interações e maneiras de se configurar, dado que é um fenômeno em movimento.

A heterogeneidade estrutural é uma característica dos fenômenos complexos, pois instaura um campo de mediações entre os níveis globais e elementares e tem como resultado a aparição de novas propriedades no sistema (OLIVEIRA, 2003). A esse respeito, Cyrulnik também coloca a resiliência



Revista AMAzônica, LAPESAM/GMPEPPE/UFAM/CNPq

ISSN 1983-3415 (versão impressa) - eISSN 2558 – 1441 (Versão digital)

como um fenômeno complexo: ele também frisa que para compreendermos os fatores que permitem a retomada do desenvolvimento após um golpe imprevisível, precisamos evoluir do orgânico para o impalpável – diferentes níveis de estruturação -, derrubar as nossas próprias concepções, modos de ensino e de pesquisa (2004, 2005, 2015, 2015a).

Entre os autores latino-americanos também encontramos suporte para conceber a resiliência no âmbito da complexidade: ao observarem a resiliência comunitária, Ojeda, La Jara e Marques (2007 apud JULIANO; YUNES, 2014) apontam para a necessidade de superar os métodos atrelados ao estudo da resiliência sob o aporte epistemológico da simplicidade: para eles é imprescindível a migração do construto de observações individuais para uma concepção epistemológica abrangente, contextualizada e complexa.

Na dimensão da complexidade, alguns dos aspectos abordados são as contradições encontradas, que fogem de uma lógica linear e trazem de modo cabal a dimensão da ética, a qual defendemos assumir centralidade na perspectiva crítico-social. Temas como criatividade, afetividade, desigualdade, relações de poder, encontram possibilidade de articulação com os referenciais histórico-culturais, sobretudo na perspectiva de Vigotski. Tomemos a ideia que o teórico apresenta sobre sujeito, destacado por Sawaia (2009):

É por essa via analítica que Vigotski sustenta a ideia de sujeito que se constitui nas determinações sociais, mas como dimensão de resistência. Sujeito, para Vigotski, não é uma identidade cartesiana unificada ou uma espécie de centro da subjetividade, como também não é sujeito determinado. É potencialidade e desenvolvimento mediado pelas intersubjetividades e atividades. (p. 369)

A partir deste trecho, observamos como o sujeito vigotskiano se constitui no movimento do sentido da resiliência. Estudos sobre resiliência mostram a potência individual e coletiva que emerge e se torna ato em



Revista AMazônica, LAPESAM/GMPEPPE/UFAM/CNPq

ISSN 1983-3415 (versão impressa) - eISSN 2558 – 1441 (Versão digital)

contextos sociais, mediados por dispositivos, ações e agentes, onde os sujeitos conseguem criar alternativas e escapes. Também não significa dizer que é desejável manter condições adversas para que a criatividade floresça, ou assim também seria um retorno à causalidade linear. Todavia, estas situações permitem compreender que a subjetivação e a condição de sujeito ativo resultam de intrincadas configurações onde suportes afetivos e/ou sociais compuseram as configurações que permitiram o enfrentamento e a continuidade da vida.

Esta ideia se opõe ao paradigma tradicional, pois a lógica linear aponta para uma normatividade, para um desenvolvimento saudável que ocorreria somente nos chamados ambientes favoráveis. Funções de mediação instauram conexões complexas que resultam no que poderia ser compreendido como diferentes resiliências, nunca estáveis, nunca universais, mas sempre resultantes das relações múltiplas e dinâmicas. E novamente, retomando o sujeito e sua constituição, segundo Vigotski, veríamos proximidade com o pensamento de Espinosa, segundo Sawaia (2009) e como identificamos diálogos com o resiliência vista sob aporte da complexidade:

(...) sujeito como liberdade e desenvolvimento, um homem para além da conservação e da reprodução, sempre aberto, com maior ou menor intensidade, às novas possibilidades, ao desenvolvimento e à fruição do belo, e ainda à criação. Ou seja, um agente ativo em seu próprio desenvolvimento, mas que não age em terreno de sua própria escolha. Faz-se a si mesmo de acordo com o contexto social, que define as alternativas referentes à sua realização. (p. 369)

Para Sawaia (2009), esta noção também se articula à noção de sujeito para Espinosa que, enquanto racionalista, distanciou-se do dualismo que constitui base filosófica da ciência tradicional, afirmando-se como monista, o que identificamos como plena assunção do sujeito, dos fenômenos, enquanto dotados de uma totalidade e unidade complexa. Teríamos, assim, residindo em pensamentos críticos não decorrentes dos limites da ciência tradicional, uma



Revista AMazônica, LAPESAM/GMPEPPE/UFAM/CNPq

ISSN 1983-3415 (versão impressa) - eISSN 2558 – 1441 (Versão digital)

compreensão da ação humana enquanto criativa, em movimento, ancorada numa estética da existência que remete à criatividade na busca da vida, em embates que incluem sua própria constituição imbricada com o social, que define, por assim dizer, as condições que, no bojo das mediações, resultará nas possibilidades de enfrentamento e transformação. Não se trata de uma concepção linear, mecânica, a-crítica ou reducionista do movimento ativo no qual compreendemos a resiliência neste escopo epistêmico e ontológico.

Outra questão da complexidade que envolve a resiliência são os significados e sentidos atribuídos às vivências por cada sujeito no contexto em que estão inseridos. Os contextos são inúmeros, inclusos em sociedades, culturas e classes sociais diferentes. Os sentidos atribuídos a um determinado acontecimento para uma pessoa podem significar algo, e para outra não, questão já levantada por Yunes e Szymansky (2001) acerca da complexidade de atribuir o que é positivo para cada indivíduo, o que compõe risco, etc. O que pode ser motivo de vergonha para um, pode ser de orgulho ou desafiador para o outro. Não existe linearidade, mas sim contradições, não há previsibilidade alguma das dimensões subjetivas desencadeadas no decorrer da história de vida de cada sujeito. A contextualização e as relações dos sistemas em que o sujeito se movimenta precisam ser observadas, não de forma isolada e estática, mas buscando compreender as conexões e os desdobramentos acarretados, a fim de identificar os fatores de risco e proteção considerados necessários para a análise da resiliência.

Sobre a contextualização, Vasconcellos (2002) afirma:

Contextualizar é reintegrar o objeto ao contexto, ou seja, é vê-lo existindo no sistema. E ampliando mais o foco, colocando o foco nas interligações, veremos esses sistemas interagindo com outros sistemas, veremos uma rede de padrões interconectados, veremos conexões ecossistêmicas, veremos redes de redes ou sistemas de sistemas (p.112).



Revista AMazônica, LAPESAM/GMPEPPE/UFAM/CNPq

ISSN 1983-3415 (versão impressa) - eISSN 2558 – 1441 (Versão digital)

Juliano e Yunes (2014) comentam que a resiliência só tem sentido teórico e pragmático diante da comprovada existência da interação de elementos vitais de risco e de proteção que pode ser desenvolvida pelo indivíduo ou em sistemas como: família, escola, grupos, comunidades e sociedades. De acordo com Ojeda, La Jara e Marques (2007 apud JULIANO; YUNES, 2014) as chaves explicativas da resiliência não se encontram nas características individuais, mas nas condições sociais, nas relações grupais, em aspectos culturais e nos valores de cada sociedade. Tal aspecto parece ser um forte indicativo da interface do construto da resiliência comunitária com a dimensão relacional de existência ou não de redes de apoio social e afetiva.

Nesse sentido, no estudo da resiliência não há estabilidade, previsibilidade, reversibilidade e controle. As situações adversas que os sujeitos enfrentam cotidianamente não são planejadas e muitas vezes não podem ser previstas. Dessa forma, a elaboração do sofrimento acarretado e soluções de enfrentamento geradas também não. Os processos são dinâmicos e subjetivos e podem ocorrer a qualquer momento, em qualquer lugar, não obedecem à ordem ou critérios para sua realização.

Em continuidade à discussão dos eixos do paradigma da complexidade, outra dimensão diz respeito à possibilidade da obtenção de múltiplas verdades, não apenas uma única, mas sim com multi-versões da realidade. Os objetos de estudo se situam em sociedades e momentos históricos diferentes, fatos novos emergem constantemente das relações e da interação sistêmica das partes, por isso o mesmo fenômeno nunca será visto da mesma maneira. Assim também é o construto da resiliência, existem várias maneiras de se tecer a resiliência, e improváveis desfechos nas histórias de vidas apresentadas no cotidiano.

Portanto, as contribuições que a compreensão do construto resiliência a partir de uma perspectiva paradigmática dos pressupostos da complexidade podem trazer à psicologia e a ciência geral são diversas, pois ampliam o olhar sobre as relações do fenômeno, não se restringindo a concepções lineares e naturalizantes de homem, permitindo observá-lo dentro de um entendimento de



Revista AMazônica, LAPESAM/GMPEPPE/UFAM/CNPq

ISSN 1983-3415 (versão impressa) - eISSN 2558 – 1441 (Versão digital)

sujeito em movimento social e histórico, permeado por singularidades, dotado de sentidos melhor compreendidos na análise do contexto e sistemas nos quais se articula.

Resiliência: questionamentos presentes nas discussões críticas

Entre as discussões para orientação dos estudos encontram-se a utilização dos termos invulneráveis/ resilientes, adaptação/superação, fatores de risco e situações de adversidade, entre outros.

Invulneráveis ou Resilientes?

Yunes (2001) comenta que “os precursores do termo resiliência na psicologia são os termos invencibilidade ou invulnerabilidade ainda bastante referidos na literatura atual” (p.16). Na perspectiva de invulnerabilidade e invencibilidade centralizam-se os aspectos de investigação para o sujeito e suas habilidades, acarretando ideias sobre a resiliência como equivalente a invulnerabilidade. Os sujeitos seriam dessa forma detentores de “poderes” que lhe dariam a capacidade de enfrentarem a todo o momento situações de adversidade.

A visão focada no sujeito é fundamentada pelo discurso neoliberal que percebe a pessoa como responsável isoladamente pelo processo de superação ou não das adversidades, sendo visto, portanto, como a-histórico e único responsável pelo sucesso, fato que desconsidera determinantes sociais, econômicos e culturais, algo extremamente danoso, pois pode causar rótulos e preconceitos (COIMBRA, 2015).

Cyrulnik (2004) também afirma que resiliência “nada tem a ver com a invulnerabilidade, nem com êxito social” (p. 4) e dirige a discussão para um movimento interminável, suportável e constante em busca da metamorfose pessoal, levando a considerar que o processo é dinâmico, contínuo, visto que a



Revista AMazônica, LAPESAM/GMPEPPE/UFAM/CNPq

ISSN 1983-3415 (versão impressa) - eISSN 2558 – 1441 (Versão digital)

pessoa pode ser resiliente em um momento, mas não em todos, pelo fato de ter peculiaridades humanas, e não superdotação ou poderes atribuídos a super-heróis.

Assim, a resiliência não é um processo estanque nem linear, já que um indivíduo pode se apresentar como resiliente diante de determinada situação mas, posteriormente, não o ser frente à outra. Não se pode falar de indivíduos resilientes, mas de uma capacidade do sujeito de, em determinados momentos e de acordo com as circunstâncias, lidar com a adversidade, não sucumbindo a ela (JUNQUEIRA; DESLANDES, 2003).

Por outro lado, ao se focar as características pessoais, descontextualiza-se aspectos importantes e necessários para o cuidado e proteção à criança - objeto de pesquisa desse estudo- e se desvia a responsabilidade da sociedade, de instituições e agentes, contribuindo para reforçar uma leitura de foco individualista (JUNQUEIRA; DESLANDES, 2003).

Adaptação ou Superação?

O termo adaptação é questionado, pois traz uma noção de ajustamento social, de submissão a uma determinada situação sem, contudo, haver mobilização para mudança ou transformação do quadro de adversidade e conflito, apenas se adapta às condições das situações impostas.

Em contrapartida, a superação dos momentos de crise traz uma ideia de recuperação, de enfrentamento ativo da situação traumática, e de transformação pessoal pela experiência vivenciada. Brandão, Mahfoud e Gianordoli-Nascimento (2011) comentam que a concepção de superação é mais utilizada atualmente pelos pesquisadores brasileiros e de língua latina.

Para Junqueira e Deslandes (2003) “o conceito de resiliência traduz conceitualmente a possibilidade de superação num sentido dialético, isto é,



Revista AMazônica, LAPESAM/GMPEPPE/UFAM/CNPq

ISSN 1983-3415 (versão impressa) - eISSN 2558 – 1441 (Versão digital)

representando um novo olhar, uma ressignificação do problema, mas que não o elimina, pois constitui parte da história do sujeito” (p.234).

Cyrulnik (2015) comenta a questão da adaptação relacionada a uma relação complexa entre o meio e o sujeito. Assim, a adaptabilidade necessária seria uma transação onde o mundo psíquico no qual se estabelecem transações incessantes, sempre negociáveis, entre o que pensa o sujeito, e o que seu entorno pensa. Ambos se modificam, não há submissão às condições adversas, mas uma rebelião que permite a liberação de restrições tóxicas do entorno traumatizante.

Dessa forma, os termos adaptação e superação no processo de resiliência precisam ser observados mediante o contexto e o que cada teórico deseja afirmar. Entretanto, é de comum acordo entre os autores, que o sujeito não pode ser amoldar negativamente às restrições do ambiente para continuar a viver, como um ajustamento social, tal adaptação seria contraditória aos pressupostos da resiliência.

Fatores de risco e situações de adversidade?

Outro ponto que convém ressaltar diz respeito à dificuldade em esclarecer o que é considerado risco e adversidade, pois se leva em consideração não só aspectos da vida concreta como também os subjetivos. Dessa forma, o que pode ser considerado em uma cultura risco e adversidade, em outra pode não ser.

Yunes (2001) considera bastante problemático essa dificuldade em esclarecer o uso dos termos fatores de risco e situações de adversidade, entre outros que também envolvem a temática. Por estarem relacionados a subjetividade singular de cada sujeito e também a cultura e sociedade as quais ele faz parte. Assim, o que para uma pessoa pode ser considerado fator de risco, para outra pode não ser.



Revista AMAzônica, LAPESAM/GMPEPPE/UFAM/CNPq

ISSN 1983-3415 (versão impressa) - eISSN 2558 – 1441 (Versão digital)

De forma geral, o uso de fatores de risco está muito referido na literatura a situações de pobreza, violência, separações, luto e maternidade precoce, porém esses fatores não são determinantes para impedir o desenvolvimento da resiliência.

Grotberg (2005), com dados de estudo de sua autoria em 22 países, constata a não relação direta entre nível socioeconômico e resiliência, ainda que a pobreza seja uma condição de vida inaceitável, não é empecilho para o processo resiliente.

Assim, os fatores considerados de risco e as mais diversas situações de adversidade ainda estão sendo explorados nos estudos, juntamente com as suas relações diretas ao movimento resiliente.

Conceitos e temas potentes para o estudo da resiliência sob aporte da complexidade

Na literatura científica que aborda a resiliência, o termo ‘estratégias resilientes’ é recorrente. O uso da palavra estratégia foi feito com o intuito de permitir visualizar o fenômeno em dimensões que estejam relacionadas à realidade do campo de pesquisa, com a possibilidade de não depender ou subjugar às concepções já discutidas da temática, mas abrir espaço para compreensão de aspectos para enfrentamento de momentos crises no que tange a complexidade e singularidade dos diferentes casos.

Sobre o significado da palavra estratégia, Ferreira (2001) a define como a arte de aplicar os meios disponíveis ou explorar condições favoráveis com vista a objetivos específicos. Significa também a arte militar de planejar e executar movimento e operação de tropas, navios e/ou aviões para alcançar ou manter posições relativas e potenciais bélicos favoráveis a futuras ações táticas. A partir das definições, o uso do termo nos leva a pensar em um movimento no qual o sujeito possui participação ativa e elabora combinações para conseguir



Revista AMAzônica, LAPESAM/GMPEPPE/UFAM/CNPq

ISSN 1983-3415 (versão impressa) - eISSN 2558 – 1441 (Versão digital)

um fim, no caso da resiliência, conseguir prosseguir o desenvolvimento após o golpe traumático. No entanto, optamos por não utilizar o termo “estratégias”, evitando confundir-nos com o movimento que, mais próximo à compreensão da resiliência sob enfoques não-críticos, apresentam sugestões de fórmulas resilientes. De modo distinto, apresentaremos alguns termos e conceitos também comuns na literatura, os quais consideramos dotados de potência para enriquecimento de estudos sobre a resiliência e para planejamento crítico de políticas e ações que considerem a utilização do termo.

É possível identificar dispositivos ou processos que compõem a complexa elaboração do sofrimento e superação das situações adversas, entre elas encontram-se as **narrativas do trauma**, a utilização dos recursos advindos do **contexto relacional**, a presença de **tutores** e os **sentidos** que podem ser atribuídos na dinâmica do processo. Estes aspectos podem ser contemplados em conjunto e, certamente, por partirmos de uma epistemologia complexa, não sugerimos que se tratem de dimensões isoladas e estanques, mas articuladas e imbricadas entre si. Por exemplo: enquanto um sujeito narra sua história de vida a alguém que lhe transmita apoio e confiança, ele pode estar desenvolvendo um vínculo, elaborando novos sentidos e se beneficiando da escuta disponível no seu contexto relacional. A aparente separação dos termos e conceitos aqui não corresponde a uma compartimentalização da resiliência, mas uma distinção para fins compreensivos, sem operar disjunção sobre o fenômeno.



Narrativas das histórias de vida

Sobre a função das narrativas Cyrulnik (2005) explica:

Contar o que aconteceu significa interpretar o acontecimento, atribuir um significado a um mundo que foi perturbado, a uma desordem que compreendemos mal e à qual já não podemos reagir. É necessário falar para tornar a pôr as coisas em ordem, mas falando interpretamos o acontecimento, o que pode lhe atribuir mil direções diferentes (p.47).

O sujeito precisa encontrar espaços e pessoas que possam propiciar a fala, a narração da história de vida, permitindo momentos de reflexão e reelaboração dos sofrimentos vivenciados.

Vygotski (1991) destaca que a fala da criança a oportuniza ser tanto sujeito como objeto de seu próprio comportamento e tem, entre outras funções, refletir o mundo exterior. Considerando a função da fala sinalizada por Vigotski, compreendemos que Cyrulnik (2005) aponta para uma função semelhante: o autor francês ressalta a importância das narrativas infantis como uma oportunidade de “historização que traz sentido a infância desmoronada” (p.5).

Contexto Relacional

O contexto relacional em que o sujeito se insere pode contribuir para o desenvolvimento da resiliência, se esse fomentar ferramentas para o processo de transformação. Nessa dinâmica está incluso a família, comunidade, escola, igreja e demais relações que a pessoa possa desenvolver.

Junqueira e Deslandes (2003) comentam que “há um consenso na definição do conceito de resiliência sobre a relevância de se criar espaços de



Revista AMazônica, LAPESAM/GMPEPPE/UFAM/CNPq

ISSN 1983-3415 (versão impressa) - eISSN 2558 – 1441 (Versão digital)

ação protetora no campo das interações, de modo a se promover um suporte na rede de sociabilidade” (p.232). De forma complementar, Cyrulnik (2005) assinala que “o que provoca a derrocada não é o golpe, é a ausência de suporte afetivo e social que impede de encontrar tutores de resiliência” (p.63).

A compreensão da dinâmica do contexto relacional e seus potenciais na superação traumática do sujeito ferido são importantes diante da realidade complexa vivida por cada pessoa em culturas e sociedades diferentes.

Ademais a relação do sujeito no contexto em que está inserido evoca outras discussões como: tratar o entorno para melhor desenvolvimento da resiliência, já que este influencia o sujeito; disponibilizar logo na infância tutores locais que possam contribuir na vida diária das crianças e valorizar os conhecimentos locais e comunitários ligados aos aspectos protetivos e cuidados em saúde.

Sobre esse cuidado com o ambiente em que o sujeito está inserido, Cyrulnik (2004) relata que a melhora do indivíduo doente, a retomada de sua evolução psíquica, a aptidão para aguentar e retomar um desenvolvimento em circunstâncias adversas implica necessariamente, em alguns casos, tratar do entorno, agir sobre a família, combater os preconceitos ou modificar as rotinas culturais.

Quanto ao cuidado disponibilizado desde a infância, Junqueira e Deslandes (2003) afirmam que se a resiliência pode ser desenvolvida através de relações de confiança e de apoio, o foco de atenção na saúde das crianças e adolescentes desloca-se para o cuidar, isto é, para o fato de elas serem cuidadas e acreditadas como sujeitos em desenvolvimento. De forma que esse deslocamento aponta para um poder revitalizador da ação cotidiana. As autoras então sugerem a possibilidade de se estabelecer no dia-a-dia a resiliência a partir da ação de diferentes sujeitos, em seus contextos familiares e culturais, desde que haja fundamentalmente uma relação de confiança, respeito e apoio.

Grotberg (2005) menciona que “quanto menor é a criança, mais necessidade de apoio externo terá. Ao contrário, aos 9 anos de idade as



Revista AMazônica, LAPESAM/GMPEPPE/UFAM/CNPq

ISSN 1983-3415 (versão impressa) - eISSN 2558 – 1441 (Versão digital)

crianças já são capazes de promover sua própria resiliência e procurar maior ajuda externa” (p.16).

A respeito dos conhecimentos comunitários, vale ressaltar que todos os países têm um conjunto comum de fatores de resiliência para promover a resiliência de seus filhos. Entre as diferenças culturais encontram-se o grau de controle ou autonomia dado às crianças, tipo e motivo de castigo, a idade estimada para a criança resolver seus próprios problemas, o grau de apoio e amor oferecido em condições adversas (GROTBERG, 2005).

Juliano e Yunes (2014) frisam que estudar como são enfrentados os riscos psicossociais em comunidades e pela comunidade pode servir para esclarecer teoricamente os indicadores que desencadeiam estes processos de resiliência na interface com a existência funcional (ou não) de redes de apoio social sugeridas como elementos essenciais de proteção e cuidado ao outro e seus ambientes.

Vínculo e Sentidos

Na elaboração do sofrimento “vínculo e sentido são duas palavras que permitem a resiliência” (CYRULNIK, 2005, p.5). Os vínculos podem ser desenvolvidos nos mais diferentes espaços e os sentidos podem ser dados no desenvolver do processo resiliente através inclusive das narrativas de história de vida.

Para Cyrulnik e Cabral (2015a) “um processo resiliente, uma retomada de desenvolvimento após uma sideração traumática, só pode se reconstruir em uma relação, na tessitura de um vínculo, de uma relação de apego” (p.26).

Quanto às ações institucionais enquanto promotoras de resiliência Junqueira e Deslandes (2003) comentam que só podem ser efetivas através de um vínculo com a criança e o adolescente. E este talvez seja um dos grandes ganhos que a resiliência traz para o campo da saúde, posto que “propõe uma nova *práxis* pautada em ações personalizadas, nas quais a interação entre



Revista AMazônica, LAPESAM/GMPEPPE/UFAM/CNPq

ISSN 1983-3415 (versão impressa) - eISSN 2558 – 1441 (Versão digital)

sujeitos realmente se estabeleça como vínculo de confiança, como espaço de acolhida e escuta” (p.233).

Tutores

A respeito dos tutores Cyrulnik e Cabral (2015a) esclarecem que os tutores estão geralmente dispostos perto do ferido, entre a família, os amigos e a cultura. Alguns são explícitos, como cita Salgueiro (2012 apud CYRULNIK; CABRAL, 2015a), como os psicólogos, os médicos, os assistentes sociais e os psicoterapeutas, formados em profissões do cuidar, que ajudam os traumatizados a encontrar vias de elaboração do trauma que os derrotou e a partilhar emoções antes adormecidas ou enquistadas. Além desses, existem os tutores implícitos, esses o sujeito escolhe, nem sempre consciente, no seu ambiente familiar e cultural, e lhe atribui o poder de compreendê-lo e ampará-lo. Trata-se, muitas vezes, de um tutor que pode até mesmo ser ignorado como tal: um esportista, um músico, um ator, ou um escritor que responde à relação que o traumatizado espera.

Os tutores são escolhidos pelos sujeitos por transmitirem confiança e apoio, podem demonstrar maior investimento de tempo e atenção, ou dispensarem uma “pequena” participação na vida do ferido, ao julgar por alguém externo a dinâmica do processo resiliente. Mas para o sujeito o investimento, ainda que “pequeno”, é imbricado por sentidos que permitem ativar reflexões e potencialidades de transformação e recuperação no sujeito.

Como exemplo, destacamos uma experiência pessoal do educador e teórico Paulo Freire, relatada pelo mesmo: Freire revela os sentidos atribuídos por ele a partir de simples gestos do seu professor. Mesmo não apontando o termo resiliência, ele traz considerações relacionadas à temática, ao se referir ao professor como tutor e os sentidos que podem ser desencadeados na relação aluno/educador. A experiência, em suas palavras:



Revista AMazônica, LAPESAM/GMPEPPE/UFAM/CNPq

ISSN 1983-3415 (versão impressa) - eISSN 2558 – 1441 (Versão digital)

Às vezes, mal se imagina o que pode passar a representar na vida de um aluno um simples gesto do professor. O que pode um gesto aparentemente insignificante valer como força formadora ou como contribuição à do educando por si mesmo. Nunca me esqueço, na história já longa de minha memória, de um desses gestos de professor que tive na minha adolescência remota. Gesto cuja significação mais profunda talvez tenha passado despercebido por ele, o professor, e que teve importante influência sobre mim. Estava sendo, então, um adolescente inseguro, vendo-me como um corpo anguloso e feio, percebendo-me menos capaz que os outros, fortemente incerto de minhas possibilidades. Era muito mais mal-humorado que apaziguado com a vida. Facilmente me eriçava. Qualquer consideração feita por um colega rico já me parecia um chamamento à atenção de minhas fragilidades, de minha insegurança. O professor trouxera de casa os nossos trabalhos escolares, e nos chamou um a um, devolvendo-os com o seu ajuizamento. Em certo momento me chama e, olhando ou re-olhando o meu texto, sem dizer palavra balança a cabeça numa demonstração de respeito e consideração. O gesto do professor valeu mais do que a própria nota dez que atribuí a minha redação. O gesto do professor me trazia uma confiança ainda obviamente desconfiada de que era possível trabalhar e produzir. De que era possível confiar em mim mas que seria tão errado confiar além dos limites quanto errado estava sendo não confiar (1996, p.42-43).

A contribuição de Cyrulnik (2004, 2005, 2015, 2015a) no desenvolvimento do conceito de “tutor de resiliência” articula-se à contribuição de Ojeda e Melilo (2005) em Resiliência Comunitária. Mais que um processo, que ao ser disparado se desenvolve sozinho, a resiliência necessita de interações sociais significativas, dotadas de sentido. Os exemplos da literatura identificam a proximidade ou sentido atribuído ao papel dos tutores como estratégia resiliente, e juntamente com as demais estratégias descritas acima, permite introduzir a discussão nesse estudo da investigação das formas de enfrentamento em crianças residentes em ocupações urbanas.



CONSIDERAÇÕES FINAIS

O presente artigo objetivou contribuir para avançar no difícil diálogo que vem sendo travado entre a psicologia social crítica com o conceito de resiliência. Para tal, revisar o construto não somente a partir das diferentes abordagens mas das raízes epistemológicas que o fundamentam, surge como imperativo ético, considerando nossa perspectiva enquanto autores fundamentados em abordagens críticas, comprometidas com transformação do social e a perspectiva emancipatória face aos modos de aprisionamento dos modelos opressores de organização social, que contam com os discursos científicos para conferir confiabilidade nas técnicas de controle e manutenção do *status quo*.

Abordar a resiliência na perspectiva complexa não se trata somente de uma escolha, mas um reconhecimento dos limites e até inadequação do paradigma tradicional para produzir uma inteligibilidade sobre um mundo no qual os fenômenos não respondem inteiramente aos cânones do modelo hegemônico de ciência. Difícil tarefa, considerando que o próprio conceito de resiliência emerge no campo da física clássica, e não da mecânica quântica. Esta última, por sua vez, tem se mostrado cada vez mais significativa na consolidação de uma Psicologia complexa, que dialoga com a filosofia de Leibniz, de Espinosa, com a teoria marxista, e que encontra cada vez mais fundamentos no legado de Lev Vigotski.

Partindo da instrumentalização do pensamento dialógico, retomamos a leitura de autores correntes na literatura sobre resiliência, buscando compreender afiliações epistêmicas e identificar diálogos com o paradigma da complexidade. Encontramos em Sawaia (2009), autora alinhada às bases histórico-culturais da psicologia, uma contribuição de grande valor à reflexão



Revista AMazônica, LAPESAM/GMPEPPE/UFAM/CNPq

ISSN 1983-3415 (versão impressa) - eISSN 2558 – 1441 (Versão digital)

sobre resiliência no aporte complexo e crítico, ao pontuar que na teoria de Vigotski reside

(...) uma fé inabalável no desenvolvimento humano em direção à sua maior complexidade. Também se traduz na sua concepção de atividade revolucionária, baseada no conceito de Zona de Desenvolvimento Proximal (ZDP) (Vigotski,2001), uma qualidade de relação e de aprendizagem que potencializa nas pessoas as funções emergentes, para aquilo que é ainda potência individual de desenvolvimento, colocando à disposição dos sujeitos habilidades, conhecimentos e experiências que lhes permitam estimular os nexos entre imaginação, emoção, pensamento e vontade (p. 369).

Na base do desenvolvimento humano para Vigotski encontra-se, em sua inexorável imbricação com o social, a conexão que apresentamos ao longo do artigo como processo de resiliência no aporte da complexidade. Também podemos a partir deste ponto, reforçar a pertinência dos conceitos e termos que ressaltam a importância de processos de mediação para a resiliência, e até mesmo dos tutores de resiliência enquanto mediadores do desenvolvimento, posição defendida por Cyrulnik (2005).

Ao apresentar a base do pensamento Espinosano em Vigotski, onde afeto e razão não constituem instâncias separadas, Sawaia (2009) nos instigou a aprofundar o olhar nos autores que apresentam uma compreensão não dualista do homem e da própria resiliência, revelando uma dimensão complexa e dialética que poderia ser compreendida de modo análogo à noção ancorada no materialismo-dialético do psiquismo segundo Vigotski, o qual consiste em sistema integrado de funções psicológicas.

Partimos também de Sawaia, ao apresentar o pensamento de Karl Marx nas ideias vigotskianas quando aponta que para teórico alemão, a “liberdade é mais do que se libertar de tiranias, é livrar-se das leis da natureza”, complementando com a afirmação de Vigotski que “[a]s possibilidades de atuar com liberdade, que surgem na consciência do homem, estão estreitamente ligadas à imaginação”(1993c, p. 438, apud SAWAIA, 2009, p. 369). Assim



Revista AMazônica, LAPESAM/GMPEPPE/UFAM/CNPq

ISSN 1983-3415 (versão impressa) - eISSN 2558 – 1441 (Versão digital)

como Sawaya aponta na obra de Vigotski que o grau de liberdade a ser atingido pelos homens só ocorreria mediante a ação criativa do mesmo, Cyrulnik defendem também que é necessário uma nova significação e representação do real que pudesse, também fazer operar a atividade e o pensamento no sentido da transformação

Cumpramos-nos demarcar que a crítica à apropriação irreflexiva e a banalização do termo, é também nossa preocupação enquanto pesquisadores ancorados no referencial crítico e complexo. Concordamos que existem apropriações indesejadas, e maus usos do conceito, inclusive em níveis políticos, com a formulação de ações destinadas aos segmentos mais vulneráveis, utilizando resiliência como conceito estratégico em programas de conservação do status quo social onde o que menos se vislumbra é a transformação da realidade e reconhecimento de direitos historicamente negados a um montante da população. Por outro lado, consideramos necessário abordar o quão rapidamente incorremos o risco de abrir mão do conceito de resiliência, atacando-o, seguindo demarcações “territoriais” que proíbem considerar o fenômeno pelo caráter nefasto atribuído a ele, muitas vezes carecendo ainda de discussões mais aprofundadas

Certamente que as ideias aqui apresentadas não instauram um cenário único e novo que encerram as questões polêmicas e necessárias que envolvem a temática da resiliência. Contudo, acreditamos que aponta caminhos para que o constructo possa ser tomado a partir de outros prismas, em diálogo com as teorias críticas no campo da Psicologia e demais ciências humanas e sociais. Ação, ato criativo, mediações complexas apontam para uma compreensão possível da resiliência que em muito se diferencia da condição de capacidade individual que sugere “invulnerabilidade” ou “aprendizado de fórmulas” para investir-se de um potencial de resistência, mantendo, contudo, a condição de não-sujeito e de passividade face à realidade social.

Ancorados em uma perspectiva histórico-cultural do sujeito, compreendemos a resiliência como fenômeno complexo na constituição do



Revista AMAzônica, LAPESAM/GMPEPPE/UFAM/CNPq

ISSN 1983-3415 (versão impressa) - eISSN 2558 – 1441 (Versão digital)

sujeito como potencialidade de desenvolvimento. Ao ser constituído nas determinações sociais, a dimensão da resistência se faz primordial na constituição do sujeito em movimento, ativo e construtor da história. A atividade humana é revolucionária por definição e tal atividade não existe descolada da dimensão social, da intersubjetividade. A resiliência sob o enfoque aqui apresentado, nos conecta necessariamente aos outros e ao social.

Neste sentido, ainda que consideremos este ensaio como uma aproximação inicial às questões aqui colocadas, vislumbramos a potência que o construto da resiliência possui, tomado a partir de um paradigma complexo e de aportes críticos, como da psicologia histórico-cultural, para contribuir no campo ético-político de proposições teórico-técnicas que efetivamente comprometam-se com as questões fundamentais da dignidade e respeito humano no contexto atual.

Em suas considerações sobre a vinculação da filosofia espinosana na obra de Vigotski, Sawaia nos apresenta algo que, sob nosso olhar, sintetiza a perspectiva complexa da resiliência:

A alegria e a criatividade potencializam a força do nosso corpo e da nossa mente para não capitularmos ante as tragédias que a desigualdade social nos reserva, bem como para mantermos aceso nosso desejo de nos organizarmos em mil diferentes níveis coletivos para resistir ao mal. Potencializam, ainda, nossa sensibilidade de nos alegrarmos com nossa descomoditização e nos indignarmos com a desigualdade social (SAWAIA, 2009, p.370).

Para nós, a resiliência apontaria assim, para a produção de novas configurações quânticas' na esfera social, de novos arranjos e novas sínteses que em nada teriam conexão com processos adaptativos ou de sujeição às desigualdades. Ao contrário, consistiria no movimento que organiza, de modo processual, complexo e sempre transformador, modos de autoria e potência de



Revista AMazônica, LAPESAM/GMPEPPE/UFAM/CNPq

ISSN 1983-3415 (versão impressa) - eISSN 2558 – 1441 (Versão digital)

construção revolucionária, face aos dispositivos que massacram a condição humana.

REFERÊNCIAS

Angst, R. *Psicologia e Resiliência: Uma revisão de literatura*. Psicol. Argum., Curitiba, v. 27, n. 58, p. 253-260, jul./set. 2009. Disponível: <https://periodicos.pucpr.br/index.php/psicologiaargumento/article/viewFile/.../19509>. Acesso em: 16 de Jan. 2018.

Brandão, J. M; Mahfoud, M; Giardonoli- Nascimento. *A construção do conceito de resiliência em psicologia: discutindo as origens*. Paidéia. Maio-Ago. Vol. 21, nº 49, p. 263-271, 2011. Disponível em: www.scielo.br/scielo.php?pid=S0103-863X2011000200014&script=sci_abstract. Acesso em: 17 de jan. 2018.

Cabral, S.S. *Resiliência: estratégias criativas de sobrevivência psíquica ao traumatismo insidioso de um cotidiano de adversidades*. 2013 Disponível: <https://www12.senado.leg.br/institucional/programas/primeira-infancia/artigos/artigos-ano-2013-1/resiliencias-estrategias-criativas-de-sobrevivencia-psiquica-ao-traumatismo-insidioso-de-um-cotidiano-de-adversidades-sandra-santos-cabral-ano-2013>. Acesso: 28 de jun. de 2019.

Cabral, S. S; Cyrulnik, B. (orgs). *Resiliência: como tirar leite de pedra*. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2015.

Coimbra, R. M. *Construindo resiliência por meio da participação em práticas culturais: aproximações teóricas com a psicologia cultural de Barbara Rogoff*. In: Coimbra, R.M; Normanda, A.M. *A resiliência em questão: perspectivas teóricas, pesquisa e intervenção*, p.37-55, 2015.



Revista AMazônica, LAPESAM/GMPEPPE/UFAM/CNPq
ISSN 1983-3415 (versão impressa) - eISSN 2558 – 1441 (Versão digital)

Cyrulnik, B. *Os Patinhos Feios*. Tradução: Monica Stahel. Coleção Pedagogia e Psicologia. São Paulo: Martins Fontes, 2004.

_____. *O murmúrio dos fantasmas*. Tradução: Sônia Sampaio. Coleção Pedagogia e Psicologia. São Paulo: Martins Fontes, 2005.

_____. *Resiliência: continuar a nascer*. In: Resiliência: como tirar leite de pedra. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2015.

Cyrulnik, B.; Cabral, S. *Resiliência: ações pela reinstauração de um futuro*. In: Coimbra, R. M.; Morais, N. A. (orgs) A resiliência em questão: perspectivas teóricas, pesquisa e intervenção. Porto Alegre: Artmed. p. 19-35, 2015 a.

Ferreira, A. B. H. *Miniaurélio Século XXI: O minidicionário da língua portuguesa*. 5ª ed. rev.ampliada. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2001.

Figueiredo, L. C. M. Revisitando as Psicologias: da epistemologia à ética das práticas e discursos psicológicos. 5.ed. Petrópolis: Vozes, 2009.

Grotberg, E. H. *Introdução: novas tendências em resiliência*. In: Melilo, A.; Suarez, Ojeda E. N (orgs) Resiliência: descobrindo as próprias fortalezas. Tradução de Valério Campos. Porto Alegre: Artmed, p.15-22, 2005.

Infante, F. *A resiliência como processo: uma revisão da literatura recente*. In: Melilo, A Suarez, Ojeda E. N. Resiliência: descobrindo as próprias fortalezas. Tradução de Valério Campos. Porto Alegre: Artmed, p.-23-38, 2005.



Revista AMazônica, LAPESAM/GMPEPPE/UFAM/CNPq

ISSN 1983-3415 (versão impressa) - eISSN 2558 – 1441 (Versão digital)

Juliano, M.C.C; Yunes, M.A. *Reflexões sobre rede de apoio social como mecanismo de proteção e promoção de resiliência*. Ambiente & Sociedade. São Paulo. Vol.17, n.3, jul.-set, p.135-154, 2014. ISSN 1809-4422. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.1590/S1414-753X2014000300009>. Acesso em: 17 de nov. de 2017.

Junqueira, M. F. P. S; Deslandes, S. F. *Resiliência e Maus tratos às crianças*. Cad. Saúde Pública, Rio de Janeiro, 19(1):227-235, jan-fev, 2003. Disponível em: www.scielo.br/pdf/csp/v19n1/14923.pdf. Acesso em: 17 de jan. de 2018.

Melilo, Aldo; Suarez, Ojeda E. N. (2005). *Resiliência: descobrindo as próprias fortalezas*. Tradução de Valério Campos. Porto Alegre: Artmed.

Morin, Edgar (1921). *Os sete saberes necessários a educação do futuro*. Trad. Catarina Eleonora F. da Silva e Jeanne Sawaya; revisão técnica de Edgard de Assis Carvalho. – 2. ed. São Paulo: Cortez; Brasília, DF :UNESCO, 2000. Disponível em: https://www.researchgate.net/.../44251432_Morin_os_sete_saberes_necessarios_a_educa. Acesso em: 20 de jul. 2018.

Ojeda, E. N. S. (2005). Uma concepção Latino-Americana: A resiliência comunitária. In: Melilo, Aldo; Suarez, Ojeda E. N. *Resiliência: descobrindo as próprias fortalezas*. Tradução de Valério Campos. Porto Alegre: Artmed, p.47-57.

Oliveira, Luiz A. Biontes, Bióides e Borgues. (2003). In: Novaes, A. (org). *O homem-máquina. A ciência manipula o corpo*. São Paulo: Cia. das Letras. p.139-173.



Revista AMazônica, LAPESAM/GMPEPPE/UFAM/CNPq

ISSN 1983-3415 (versão impressa) - eISSN 2558 – 1441 (Versão digital)

Sawaia, B. B. *Psicologia e desigualdade social: uma reflexão sobre liberdade e transformação social*. *Psicol. Soc.* [online]. 2009, vol.21, n.3 [cited 2020-05-02], pp.364-372. Available from: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-71822009000300010&lng=en&nrm=iso>. ISSN 1807-0310. <https://doi.org/10.1590/S0102-71822009000300010>.

Vasconcellos, Maria J. E. (2002). *Pensamento Sistêmico: o novo paradigma da ciência*. Campinas, SP: Papirus.

Vygotski, L. S. (1991). *Formação social da Mente*. São Paulo: Martins Fontes, 4ªed.

Yunes, M. A. M; SYMANSKY, H. (2001). Resiliência: noção, conceitos afins e considerações críticas. In: Tavares, José (org.). *Resiliência e Educação*. 2ª ed. São Paulo: Cortez, p.13-42.

Recebido: 20/6/2020. Aceito:30/6/2020.



Revista AMazônica, LAPESAM/GMPEPPE/UFAM/CNPq
ISSN 1983-3415 (versão impressa) - eISSN 2558 – 1441 (Versão digital)

Sobre os autores e contatos

Beatriz Débora Pinheiro S. Nascimento - Psicóloga, Mestre em Psicologia pelo Programa de Pós-graduação em Psicologia/ UFAM, Pesquisadora do Laboratório de Intervenção Social e Desenvolvimento Comunitário/LABINS.

E-mail: beatrizdeb.psi@gmail.com

Cláudia Regina Brandão Sampaio - Doutora em Saúde Pública, Pós-doutorado em Psicologia Social-comunitária crítica pela Manchester Metropolitan University/Reino Unido, Psicóloga, Docente do Programa de Pós-graduação em Psicologia/UFAM, Coordenadora do Laboratório de Intervenção Social e Desenvolvimento Comunitário/LABINS.

E-mail: claudiasampaio@ufam.edu.br

Bruno Rudar Teixeira Vasconcelos - Psicólogo Clínico, Mestre em Psicologia pelo Programa de Pós-graduação em Psicologia/ UFAM, Pesquisador do Laboratório de Intervenção Social e Desenvolvimento Comunitário/LABINS.

E-mail: brunorudar@gmail.com